

A alfabetização poética: uma proposta de atuação universitária no ensino básico

Alfabetización de poesía: una propuesta de acción universitaria en la educación básica

Ana Paula Arantes ZIEGLER

37

RESUMO: O presente artigo trata da proposta intitulada “Alfabetização Poética”, surgida a partir do desenvolvimento de uma pesquisa realizada como atividade do projeto “Loucos por Letras”, cujo objetivo era incentivar a leitura através da Poesia. O referido projeto foi iniciado em 1997, em Brasília, através de oficinas de poesia Haikai em escola pública e desenvolvido posteriormente através da Coordenação de Extensão Cultural (COEX) da Universidade Federal da Paraíba – UFPB e depois através do Departamento de Música da Universidade de Brasília. Com base na proposta pedagógica de Paulo Freire e os fundamentos da Poesia Clássica Japonesa, pretende-se introduzir no cotidiano das escolas públicas a experiência concreta da linguagem poética, pois esse tipo de conhecimento contribui de modo significativo para o contexto geral do aprendizado. Isto porque a elaboração linguística desenvolve-se interligada ao autoconhecimento e autoexpressão, envolvendo aspectos emocionais, sentimentais e imaginários, ou seja, o âmbito criativo da personalidade.

PALAVRAS-CHAVE: Neurociência e aprendizagem humana. Método lúdico de Alfabetização infantil. Extensão Universitária.

RESUMEN: Este artículo aborda la propuesta titulada "Alfabetización poética", que surgió del desarrollo de una investigación llevada a cabo como una actividad del proyecto "Locos por las letras", cuyo propósito era fomentar la lectura a través de la poesía. Este proyecto se inició en 1997, en Brasilia, a través de talleres de poesía Haikai en una escuela pública y luego se desarrolló a través de la Coordinación de Extensión Cultural (COEX) de la Universidad Federal de Paraíba - UFPB y luego a través del Departamento de Música de la Universidad de Brasilia. . Basado en la propuesta pedagógica de Paulo Freire y los fundamentos de la poesía clásica japonesa, tiene la intención de introducir en la vida cotidiana de las escuelas públicas la experiencia concreta del lenguaje poético, ya que este tipo de conocimiento contribuye significativamente al contexto general del aprendizaje. Esto se debe a que la elaboración lingüística se desarrolla interconectada con el autoconocimiento y la autoexpresión, involucrando aspectos emocionales, sentimentales e imaginarios, es decir, el alcance creativo de la personalidad.

PALABRAS CLAVE: Neurociencia y aprendizaje humano. Método lúdico de alfabetización infantil. Extensión Universitaria.

“Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.
Deus quis que a terra fosse toda uma,
Que o mar unisse, já não separasse.”
Fernando Pessoa

A Dupla Herança

Muito embora as abelhas tenham um sistema de comunicação sofisticado, este não é mediado pela consciência, assim como as vocalizações dos primatas expressam estados emocionais ou sinalizações para interações sociais, mas estas expressões são meramente instintivas e não possuidoras de uma intencionalidade consciente. O que difere nossa espécie de outras é o fato de ser a única no planeta capaz de comunicar-se de modo consciente. Estudar o modo como isto foi alcançado, através das várias ciências que se debruçam ao longo dos séculos nesta questão pode nos revelar caminhos, tanto para otimizar esta capacidade quanto para deteriorá-la.

O evolucionismo de Charles Darwin abriu-nos as janelas para nosso passado comum com os outros habitantes da nossa casa-planeta e lança a questão: como chegamos a nos destacar tão radicalmente em relação aos outros seres? No capítulo sete do livro “Cérebro, Evolução e Linguagem”, do nosso querido e saudoso professor da Universidade de Brasília, o neurocientista Paulo Espírito Santo Saraiva (2014, p. 145) ele nos diz que é no aparecimento do gênero Homo que a cultura aparece e é submetida a um processo evolutivo: “Uma série de particularidades típicas do Homo estimularam por meio de uma intrincada rede de interações recíprocas, uma contínua elevação do seu padrão cognitivo.” Assim temos associado ao desenvolvimento de nosso cérebro, de modo a influenciar a linguagem: o bipedalismo, a postura ereta, as habilidades manuais, o resfriamento do cérebro (devido à postura), a capacidade de adquirir e digerir mais proteínas, logo, maior tamanho em relação ao corpo e a qualidade ou complexidade das redes neurais do cérebro. Um fator influenciando o outro, todos permeados pela nova expressão comportamental: a cultural, a qual por sua vez, alimenta as necessidades de desenvolver as habilidades adquiridas.

Se não existe ainda nenhuma certeza com relação ao momento em que apareceu a linguagem, não há dúvidas quanto ao papel central representado pelo cérebro nesse evento. Foi preciso, para que isso acontecesse, que ele alcançasse um determinado tamanho, certo número de neurônios, além de um elevado padrão de organização dos seus circuitos e do funcionamento de suas sinapses. (SARAIVA, 2014, p. 207)

Foi pelo caminho da complexidade que se chegou ao mais sofisticado de todos os produtos, naturais ou artificiais: o nosso cérebro. Nossa dupla herança é biológica e cultural. Do ponto de vista evolucionista, temos que, a seleção natural tem um direcionamento claro no sentido da adaptação das espécies às condições ambientais. A cultura, através de relações conscientes e socialmente altruístas, seria uma enorme vantagem adaptativa da inteligência e da cooperação. Por outro lado, em seu magnífico estudo, didaticamente apresentado ao público, Paulo Saraiva, nos recorda da nossa peculiaridade em poder usar maquiavelicamente a inteligência e através da linguagem, sabendo das necessidades do outro, usá-las a nosso favor.

Prosseguindo com Saraiva, no capítulo “Plasticidade e Linguagem” (2014, p. 437-438) temos algo que nos interessa particularmente, em relação à proposta de Alfabetização Poética para crianças entre cinco a sete anos: “um comportamento altamente complexo, como o da linguagem, é muito dependente de um período crítico de exposição, no qual os circuitos neurais envolvidos são modelados de forma a propiciarem o desempenho almejado. Ele é essencial tanto para a aquisição da primeira como da segunda linguagem e vai até os sete anos de idade. A partir daí esta habilidade vai diminuindo gradativamente até a adolescência, quando se estabiliza no nível adulto. Entretanto, os vários aspectos da linguagem são diferentemente sensíveis a esse período crítico. A proficiência em gramática, em sintaxe e a produção e compreensão da fonética são os mais dependentes, ao contrário da habilidade semântica e da capacidade de ampliar o vocabulário, que são preservadas ao longo da vida” (WEBER-FOX; NEVILLE, 1999)

Nossa dupla herança provém não apenas das informações contidas no nosso DNA, mas também, na que adquirimos através de nosso meio cultural. Considerando a facilidade atual, diante dos recursos tecnológicos dos quais dispomos, e a vasta história ou experiência humana no planeta, alfabetizar poeticamente seria como colher cuidadosamente flores e frutos das diversas culturas, através da arte, seja música, plástica, literatura, fotografia, audiovisual, enfim...e oferecer a nossas crianças. Ao experienciar a cultura, de modo lúdico, em sala de aula, imaginação, sentimentos e emoções são traduzidos em palavras, no momento em que as crianças estão aprendendo as letras. Tornam-se autores antes mesmo de aprenderem a ler. Tornam-se íntimos da língua portuguesa. Vivem a gramática com graça, em todos os sentidos. Criam seus próprios poemas. São sujeitos. Expressam-se em palavras. Como Paulo Freire nos ensinou, todos devem

ser alfabetizados e nesse processo, poder contar a sua própria história, sua visão de mundo. O micro e o macro, onde começa e termina o eu e o mundo?

Fênix em plano de voo: O papel da Universidade

Immanuel Kant (1724-1804) em suas dissertações sobre o papel dos intelectuais distingue as ciências em duas partes conflitantes: as faculdades superiores, cujas doutrinas interessa diretamente aos governos (à época: Teologia, Direito e Medicina) e as inferiores, aquelas que tem valor unicamente pelo interesse da Ciência, onde, claro, encontra-se a Filosofia. Em uma exposição aprofundada e metódica, Kant explana sobre esta área da Humanidade e suas relações com o poder estabelecido, numa época de monarquia e poder absoluto da Igreja, desafiando com coragem e determinação os “doutores com aval divino” com seu pensamento crítico radical. O valor da liberdade evidencia-se em Kant na defesa do respeito à busca criteriosa por provar na realidade as verdades científicas e pela garantia ao direito dos eruditos à liberdade de pensamento. Era o Iluminismo.

Já em tempos de “modernidade líquida” (BAUMAN, 2001), a liberdade parece estar no ar. O que nos faltaria atualmente talvez seja a garantia de uma liberdade que nos contemple a todos em nossas diversidades e necessidades, no entanto, a globalização pode nos aproximar e unir, entretanto, tem o poder de nos dividir em diferentes setores de consumo, sem crítica e sem poder algum. Temos assim a sensação de estar o indivíduo separado do mundo (Byung Han). As escolhas individuais são reconhecidas e até incentivadas, enquanto consumidor, entretanto, a rede entre os indivíduos, em ações coletivas críticas em relação ao estabelecido, e logo, com potencial de poder político, são derretidas pelo modo correto de pensar, amplamente e cientificamente construído. Construído por quem? Claro que neste mesmo esteio existe a contracultura (em relação ao estabelecido) que percebe, escolhe e cria novos meios de organizar e transformar a realidade. A importância da criatividade reside neste potencial de refletir, propor e realizar projetos ‘para’ e ‘com’ a sociedade, com um modo livre de pensar.

No Brasil a partir dos anos sessenta, Darcy Ribeiro realiza diversos estudos sobre as crises da Universidade e os rumos que esta deveria tomar. Com este espírito crítico faz-se o idealizador da Universidade de Brasília, a qual nasce com a marca da inovação ou ruptura com o estabelecido: o status quo. Naquele momento

histórico o esforço dos intelectuais mais atuantes na sociedade voltava-se para o fortalecimento da América Latina. Darcy coloca-se como alguém descontente com a universidade brasileira tal qual estava, devido à conivência com as forças responsáveis pela dependência e atraso da América Latina. Descontentamento com a mediocridade de seu desempenho cultural e científico e com a sua irresponsabilidade frente os problemas dos povos que a mantém (RIBEIRO, 1982, p. 3).

O movimento ou a idealização de internacionalização universitária significava buscar uma civilização solidária entre os povos submetidos historicamente à colonização, a qual tenderia a se perpetuar no continente de forma cada vez mais sofisticada e portanto, eficaz. A intenção era desmistificar a reprodução de uma visão de mundo onde os lugares já estavam previamente determinados.

O pensamento dos intelectuais “engajados” era de que a civilização estava decadente e que outra a substituiria. Nesse contexto a Universidade teria, “como traço mais característico, a sua capacidade, tanto de questionar a estrutura de poder e a ordem social, quanto para propor utopias concretas, relativamente ao que deve ser a sociedade e a existência humana na próxima civilização” (RIBEIRO, 1982, p. 15). Assim sendo, a Universidade como instituição ideal para propor um projeto próprio de desenvolvimento autônomo e autossustentado, muito embora e justamente por isto, é também o local ideal para atuação das forças reacionárias, desejosas de manterem o status quo, inclusive à nível internacional.

A Universidade de Brasília surge (Lei nº. 3998 de 15/12/1961) como um projeto nacional da intelectualidade brasileira, sob a égide da inovação ao propor formar cidadãos responsáveis, empenhados na busca de soluções democráticas para os problemas do povo brasileiro. Intelectualidade esta que se comprometia com o destino dos brasileiros analfabetos e miseráveis, por quem sentiam-se, em parte, responsáveis (?). Devemos atentar aqui, apenas para mantermos o espírito crítico, para não confundirmos esta responsabilidade, com algum tipo de “tutela” por parte de uma classe, no caso a de intelectuais, por sobre as outras). Sobre o relacionamento internacional, temos no artigo 4 do primeiro Estatuto da Universidade:

Para alcançar seus fins e objetivos, a Universidade de Brasília declara em seus Estatutos que se regerá pelos princípios de liberdade de investigação, de expressão e de liberdade de ensino,

mantendo-se fiel aos requisitos essenciais do método científico e estando sempre aberta a todas as correntes do pensamento sem participação de grupos ou movimentos políticos-partidários. (BRASIL, 1962, art. 4)

Os intelectuais da atualidade, através das Universidades buscam encontrar caminhos, buscam encontrar pensadores já consagrados em nossa História ao qual possamos recorrer para refletir e repensar enquanto a Humanidade encontra-se ameaçada mais uma vez, de um modo radical, não apenas por todo tipo de violência humana e ameaças de guerras globais fomentadas pelos que consideram-se donos da Terra, nossa casa comum, mas pelo risco de sobrevivência desta mesma casa que nos abriga, que usamos e abusamos desmedidamente há tanto tempo. Esta busca histórica, numa análise transdisciplinar, juntamente com as inovações científicas, pode nos revelar caminhos concretos para trilhar no cotidiano.

Os temas da Ecologia e dos direitos humanos emergem por todos os lados no meio acadêmico, de um modo estrondoso, se comparado com a inexpressão e mesmo depreciação que viveu ao longo das últimas décadas. A necessidade ou urgência em mostrar efetivamente capacidade de gerenciar a crise na qual estamos todos (sem exceção?) incluídos, coloca-se atualmente como uma quase imposição aos intelectuais humanistas. Como ser humano e não ser humanista?

A revolução tecnológica que vivenciamos cotidianamente nos coloca a possibilidade de comunicação global de modo rápido e eficiente. Como num processo de decantação podemos localizar pessoas, de toda a parte do mundo, de diferentes culturas, levantando sua voz em direção a uma busca por um modo de tomar os rumos da nossa História, na tomada de consciência em relação a nossa realidade comum enquanto planeta. E esta consciência coletiva, não está apenas em um grupo ou comunidade transnacional de intelectuais, acadêmicos ou não, está permeando as sociedades e os grupos que se identificam entre si neste sentimento e constatação de que “estamos todos no mesmo barco”, no que diz respeito à Natureza. Estamos, sim, criando uma nova Utopia.

Liberdade de pensamento, responsabilidade para com os mais frágeis, autonomia e autossustentabilidade, são alguns dos princípios que os intelectuais de hoje não podem ignorar, assim como a possibilidade da criação de redes de comunicação, troca de saberes e logo, poderes, capazes de permear a sociedade como um todo, de modo transdisciplinar e transnacional.

A universidade pisando o chão da sala de alfabetização infantil

“Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!” E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto...
E conversamos toda a noite, enquanto
A via-láctea, como um pálido aberto,
Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,
Inda as procuro pelo céu deserto.
Dizeis agora: “Tresloucado amigo!
Que conversas com elas? Que sentido
Tem o que dizem, quando estão contigo?”
E eu vos direi: “Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas

Olavo Bilac

Crianças são estrelas, todas. Como nos aproximar destas luzes?

Nossa proposta aqui apresentada resumidamente é contribuir com a alfabetização no sentido de propiciar no momento dos primeiros contatos com as letras, uma espécie de intimidade com elas, um conhecê-las por dentro, trazendo-as de dentro de si para o mundo. Letras são nossos negócios. (Poetry is my business). Alfabetizar com alegria e emoção, trazendo à tona o “ser” de cada criança, sua individualidade, juntamente com o desenvolvimento do “estar no mundo”, fazer parte dele, conhecê-lo, cuidar dele, juntamente com as outras crianças que a cercam nesta aventura do aprendizado, convivendo, através da poesia, a que está em toda parte, não apenas nos livros já escritos, mas dentro de cada um.

Para que a aproximação da criança com a cultura escrita ocorra de um modo decisivo no sentido de criar um diferencial cognitivo, desde o início da vida escolar, estimulamos a escrever, antes de ler, a compor antes de escrever, a pensar/sentir/expressar de modo estético, antes de compor. E antes de tudo, estimulamos o autoconhecimento e deste modo, ser e estar no mundo. Presente. Sujeito. Como desejava Paulo Freire.

“A imaginação é mais importante que o conhecimento. O conhecimento é limitado. A imaginação circunda o mundo.”(Albert Einstein).

A poesia que transformamos em “brinquedo” vem da cultura japonesa, é o haikai: contendo apenas três versos, pode parecer fácil, mas exatamente dizer em poucas palavras um conteúdo imantado de poesia, de um modo direto e simples, só é fácil quando se consegue um olhar, uma percepção, um expressar, genuíno e simples como o de uma criança. Haikai segundo mestre Bashô é simplesmente o que acontece aqui e agora (como em toda arte Zen).

A maneira ou a metodologia desenvolvida para conseguir com que crianças tão pequenas se soltem e se expressem poeticamente, mesmo sem ainda dominar a gramática, começa com uma aproximação informal com cada turma e com cada criança. Uma série de atividades são propostas periodicamente, uma vez por semana, por exemplo, de modo a encadear as ideias e desenvolver o senso estético. São apresentadas obras de arte clássicas e populares: pinturas, músicas, canções, quadrinhos, filmes, animação, poemas, fotografias e outras. Temos também atividades realizadas de modo simplificado e adaptado, como meditação e dança, por exemplo, ou seja, uma gama variada de experiências é partilhada em grupo e direcionadas para a linguagem. Há importantes momentos de conversas individuais, para conhecer cada um, um pouco, e também atenção individualizada no momento do trabalho a ser feito, assim como momentos em grupos, pequenos e gerais. Sempre com diálogo e diversão. E principalmente: momentos de silêncio e concentração para criar. As crianças percebem que além de admirar obras de arte, podem ser criadores de obras de arte, incluindo-se aí os desenhos, mas acrescidos de letras, que eles organizam como poemas, tornando “elásticas” as palavrinhas, as “suas” palavrinhas!

Importante mencionar: crianças com dificuldades de aprendizagem, pelos mais diferentes motivos, situações ou diagnósticos, podem, ao que indicou nossa experiência, se beneficiar muito deste modo de conhecer a língua escrita, pois conseguem, no seu ritmo, (acelerado ou lento) produzir textos próprios criativos. Muitas vezes brilhantes. Como estrelas. “Ora direis...”

Edgar Morin preconiza uma reforma do pensamento (do padrão de pensamento) pois estamos vivenciando valores insustentáveis para humanidade, ditados pela razão, de modo a eliminar a subjetividade, através de “gaiolas epistemológicas” (bela metáfora do matemático **Ubiratan D`Ambrósio**). A pergunta que se faz urgente não é mais o que fazer, mas o “como” fazermos para que as conclusões científicas da neurociência e as análises contemporâneas dos nossos

filósofos cheguem à escola! Como levar do macro ao micro? Da ciência para a realidade, da Universidade para o ensino básico. Da teoria para a prática. O tempo é agora. Precisamos que o pensamento crítico ilumine a sociedade numa espécie de “neo-iluminismo” capaz de trazer o caráter firme e libertário de Kant, renovadamente, através de todos que pensam suas áreas de estudo e atuação na realidade. Para que isto seja possível, nossa dupla herança, genética e cultural, enquanto seres humanos, deve refletir o que há de mais sofisticado em nós: nossa capacidade de comunicação para a cooperação. Podemos estar incluídos, todos e o planeta, no projeto de regeneração da natureza, da vida em si, que está dentro e fora de nós, utilizando-nos da tecnologia que fomos capazes de criar. Será que sonho?

Algumas criações poéticas de crianças em fase de alfabetização

Um belo dia os bichos desapareceram e eu disse: Meu Deus, e agora?

Amanheci de olhos abertos
no outro dia os bichos estavam lá!

Stephany

A leoa
Foi viajar
Para São Paulo
Beatriz

O camelo
Encontrou a camela
E beijou na boca
Luana

O jacaré é mau
Comeu milhares de pássaros
Ele ficou barrigudo
Arthur

Lua cheia é bonita
Fiquei feliz
porque Ela gosta de feliz
Luana

Um dia eu vi uma estrela cadente
E eu achei bonita
E papai Noel passou ao lado
Edson

O papai foi lá na janela
O papai viu uma estrela caiu no seu rosto

e o papai ficou feliz para sempre
Mylene

A estrela é bonita
e eu vejo todo dia
E eu sinto alegria
Enya

Um dia eu vi uma estrela cadente e um disco voador
e eu disse, titia, eu to vendo um disco voador
e vi uma estrela cadente e eu estou muito alegre.
Stephany

A lua é bonita
Ela brilha
E me deu sono
Juliana

O nascimento de Jesus é no natal
As casas e as pessoas ficam alegres
E a água corre devagar
Mylene

Alguns poemas de alunos da quarta série, porque a alfabetização poética pode acontecer a qualquer momento...

o sol da manhã
alegre canta e ao entardecer
vermelhinho de vergonha

como é bom brincar no vale
onde as sombras cantam
feliz aquela criança que pensa que a vida é um paraíso

Zoraide

num momento de tristeza
uma árvore balança
dando consolo ao meu coração
Fabiana

cada escurecer cada anoitecer
toda vez que adormeço
sonho com você
Renata Cristina

a água do mar
lava meu lindo ser
cheio de cecê

o pôr-do-sol
deixa de iluminar
minha mercedes na garagem

Manoela

eu quero ver
o mundo sorrindo para mim
e notar que ainda existo

o sol se pôs
a alegria acabou
brincou até cansar e pulou

Ulisses

tenho duas coisas
para me consolar desta solidão
sol claro e esta noite profunda

as velas ao vento
com um sopro se apagam
num só movimento

Hélio

a margarida falou
pareço um girassol
mas não sou

a formiga pequena come ela só
fincou no meu pé
e eu gritei: “vovó”!

a água nasce da torneira
lavam nossas mãos
e morrem pelo ralo cheia de sabão

Adriana

dois pombos a voar
você a cantar
e eu a dançar

batem as ondas do mar
nas rochas a cantar
e meu amor a esperar

Mariele

Considerações Finais

Ao refletirmos sobre o papel da Universidade consideramos que ao trazer o constructo científico para a sociedade, que seja de modo humanista e não prioritariamente à serviço de poderes governamentais. E ainda que, o entrelaçamento entre as ciências Humanas e as demais, aponte na atualidade para a necessidade de uma visão complexa do pensamento, que atue na realidade de forma transdisciplinar. Esta tendência faz-se necessária devido à complexidade dos problemas que vivenciamos, não apenas enquanto países ou continentes, mas como Humanidade, e ainda, em conjunto, com os outros seres todos, não-humanos, aos quais estamos não apenas ligados, mas dependentes enquanto espécie.

Em relação ao papel da nossa Universidade de Brasília, que, em sua fundação preconizava a intenção de desmistificar a reprodução de uma visão de mundo onde os lugares já estavam previamente determinados, acreditamos que diante das questões que emergem atualmente, podemos cogitar que, atualmente, esta visão seria algo como “quem vai sobreviver ou não”. Mas não, não existe esta opção. Marte não é uma solução e nenhum ser humano ou país está predestinado por poder humano algum, a ter um “bom lugar marcado”.

O que tentamos é seguir o conselho “pensar grande e agir no pequeno”. E de preferência juntos. Com nossos melhores recursos. Juntando a filosofia do Extremo Oriente e a poética oriental com a metodologia e ideias de Paulo Freire e utilizando-nos de diversas obras e recursos de arte buscamos alcançar as crianças, conhecê-las, escutá-las e reformular constantemente as formas de abordá-las para estimular a autoexpressão, através do autoconhecimento, da experiência interna com suas próprias ideias e sentimentos.

A Universidade de Brasília tem como estratégias de atuação na sociedade: o ensino, a pesquisa, a extensão e a internacionalização, um projeto irreversível de atuação junto à Universidades estrangeiras, com a mesmas buscas humanistas, tais como a garantia dos Direitos Humanos e mais recentemente, a preservação da Natureza.

O modo de atuar, trazer para sociedade este modo de contribuição no processo de alfabetização infantil, este pensamento, esta ideia, foi através da Extensão Universitária. A proposta consiste em levar os estudantes com talentos artísticos e gosto pela educação à sala de aula, às comunidades, à realidade, à prática. Assim todos ganham. As crianças aprendem de universos variados, atividades não-contempladas pela educação sistematizada, mas que atuam

juntamente com esta, num intenso diálogo com os professores, alimentando os conteúdos de modo lúdico. Os estudantes universitários, por sua vez, de qualquer curso, experienciam, de modo orientado, a oportunidade de colocar teorias aprendidas, em prática, de modo produtivo e com a visão imediata de resultados e ainda, sentem-se desafiados a resolver as questões que surgem, as quais muitas vezes, vão além do simples aprender as letras. A proposta de Alfabetização Poética a cada experiência, a cada turma, a cada novo estagiário ganha novos recursos sugeridos pelos estudantes ou pelos professores ou mesmo e principalmente, pelas crianças, as quais sabem melhor do que ninguém, o que mais lhes diverte.

Entre o conhecimento formal e a prática, temos os estudantes universitários, como atores deste projeto. São eles que podem levar adiante a ideia e aperfeiçoá-la. Assim sendo, conluo com as palavras de um dos estagiários que muito colaborou com o projeto em sua fase inicial, fundadora, antes mesmo de tornar-se o “Alfabetização Poética”. Quando este projeto era ainda uma ideia, uma aposta, uma experiência...um sonho...imaginação...

“Foram seis meses de descoberta. Entrei no projeto “Loucos por Letras” sob a promessa de ganhar quatro créditos no meu currículo acadêmico e saio do projeto com uma bagagem de experiências que vão servir não só para o meu atual e futuro trabalho como professor, mas para qualquer empreitada no campo do lúdico universo infantil. Experimentei todas as ideias que tinha a respeito de crianças e de aulas e quando algo não dava certo, partia para outra tentativa, mais maduro e seguro que antes. Aprendi que ensinar arte está mais ligado a um processo do que a uma aquisição de conhecimentos. Conheci novos conceitos de pedagogia, e quebrei alguns preconceitos a respeito do assunto. Pude aplicar as teorias vistas no curso de Educação Artística, ver como as coisas funcionam na prática. Sem falar nas descobertas pessoais: pensava que não sabia lidar com crianças. A oportunidade de levar para as crianças coisas que elas nunca veriam num plano pedagógico tradicional possibilita a experimentação e a construção de novas metodologias de ensino, que podem ser compartilhadas com toda uma comunidade de professores, funcionando como multiplicador de experiências. “

Raoni Xavier

REFERÊNCIAS

BASHÔ. **Trilha estreita ao confim**. Tradução Kimi Takenaka e Alberto Marsicano. São Paulo: Iluminuras, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução Plínio Dentzein. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001

BRASIL. Decreto nº 1.872, de 12 de dezembro de 1962. Aprova o Estatuto da Universidade de Brasília. **Diário Oficial da União**: Seção 1. Brasília, DF, 19 dez. 1962.

BRASIL. Lei nº. 3.998, de 15 de dezembro de 1961. Autoriza o Poder Executivo a instituir a Fundação Universidade de Brasília, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: Seção 1. Brasília, DF, 20 dez. 1961. p. 11221.

D`AMBRÓSIO, Ubiratan. A transdisciplinaridade como uma resposta à sustentabilidade. **Revista Terceiro Incluído NUPEAT–IESA–UFG**, v. 1, n. 1, p. 1–13, jan./jun. 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução de Eloá Jacobina. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

RIBEIRO, Darcy. **A universidade necessária**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SARAIVA, Paulo Espírito Santo. **Cérebro, Evolução e Linguagem**. Brasília: Ed. UnB, 2014.

WEBER-FOX, C. M.; NEVILLE, H. J. Functional neural subsystems are differentially affected by delays in second language immersion: ERP and behavioral evidence in bilinguals. *In*: BIRDSONG, D. (ed.). **Second language acquisition research: Second language acquisition and the Critical Period Hypothesis**. Mahwah, NJ, US: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 1999. p. 23-38.

Ziegler, Paula- **Alfabetização Poética**, Brasília 2014. Edição da Autora